

Diáspora acadêmica brasileira: perfil e mobilidade de pesquisadores no exterior

Brazilian academic diaspora: profile and mobility of researchers abroad

Diáspora académica brasileña: perfil y movilidad de investigadores en el exterior

Eduardo Picanço Cruz¹

<https://orcid.org/0000-0003-4484-3256>

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão²

<https://orcid.org/0000-0002-8125-0938>

Alex Guedes Brum³

<https://orcid.org/0000-0003-2092-4430>

Michel Mott Machado⁴

<https://orcid.org/0000-0002-3444-8271>

Denise Maria Martins⁵

<https://orcid.org/0000-0003-2956-0573>

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: epicanco@id.uff.br.

² Unigranrio Afya, Duque de Caxias, Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: robertopqfalcao@gmail.com.

³ Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: alexbrum23@outlook.com.

⁴ Centro Paula Souza, São Paulo, São Paulo – Brasil. E-mail: michel.machado@cpspos.sp.gov.br.

⁵ Centro Paula Souza, São Paulo, São Paulo – Brasil. E-mail: denise.martins@cpspos.sp.gov.br.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o perfil de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* que migraram e a mobilidade da diáspora acadêmica brasileira. Para operacionalizar a pesquisa, foi selecionada uma amostra de 596 indivíduos que responderam ao questionário (amostra) que detinham qualificação de *Stricto Sensu* e eram imigrantes brasileiros estabelecidos no exterior, de uma amostra de 3.888 imigrantes brasileiros, obtida por meio de uma *survey* geral, conduzida com a finalidade de se evidenciar o perfil de imigrantes brasileiros. Os dados foram coletados entre julho de 2019 e março de 2023. Para a pesquisa foram considerados os seguintes países de acolhimento, devido à acessibilidade dos dados que já haviam sido coletados: Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (Benelux), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega (Países Nórdicos) e Suíça. Adicionalmente, foram realizadas: pesquisa bibliográfica, consulta



a sites de órgãos públicos e pesquisa documental. Como principais achados, evidenciou-se um fenômeno de fuga de cérebros com motivação econômica, uma amostra com predominância feminina e perfil jovem (na faixa economicamente ativa), que busca melhores oportunidades de trabalho e condições para realizar o trabalho científico, sendo que muitos mudam de carreira ao imigrarem.

Palavras-chave: Diáspora Acadêmica. Mestres e Doutores. Imigração Brasileira. Europa. Internacionalização.

Abstract

The main objective of this study is to analyze the profile of Brazilian professionals with Stricto Sensu qualifications who have migrated and the mobility of the Brazilian academic diaspora. To operationalize the research, a sample of 596 individuals who responded to the questionnaire (sample) who held Stricto Sensu qualifications and were Brazilian immigrants established abroad was selected from a sample of 3,888 Brazilian immigrants, obtained through a general survey, conducted with the purpose of highlighting the profile of Brazilian immigrants. The data were collected between July 2019 and March 2023. For the research, the following host countries were considered, due to the accessibility of the data that had already been collected: Germany, Belgium, the Netherlands, Luxembourg (Benelux), Spain, France, Italy, Denmark, Finland, Sweden, Norway (Nordic Countries) and Switzerland. Additionally, the following were carried out: bibliographic research, consultation of public agency websites and documentary research. The main findings revealed a phenomenon of brain drain with economic motivation, a sample with a female predominance and a young profile (in the economically active range), who seek better job opportunities and conditions to carry out scientific work, with many career changes when they immigrate.

Keywords: Academic Diaspora. Masters and Doctors. Brazilian Immigration. Europe. Internationalization.

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar el perfil de los profesionales brasileños con calificación stricto sensu que migraron y la movilidad de la diáspora académica brasileña. Para operacionalizar la investigación, se seleccionó una muestra de 596 personas que respondieron al cuestionario (muestra), que poseían calificaciones stricto sensu y eran inmigrantes brasileños establecidos en el exterior, de una muestra de 3.888 inmigrantes brasileños, obtenida a través de una encuesta general, realizada con el objetivo de resaltar el perfil de los inmigrantes brasileños. Los datos se recopilaron entre julio de 2019 y marzo de 2023. Para la investigación, se consideraron los siguientes países de acogida, debido a la accesibilidad de los datos ya recopilados: Alemania, Bélgica, Países Bajos, Luxemburgo (Benelux), España, Francia, Italia, Dinamarca, Finlandia, Suecia, Noruega (países nórdicos) y Suiza. Además, se realizaron investigación bibliográfica, consulta de sitios web de organismos públicos e investigación documental. Como principales hallazgos se evidenciaron un fenómeno de fuga de cerebros con motivación económica, una muestra con predominio femenino y un perfil joven (en el rango económicamente activo), que busca mejores oportunidades laborales y condiciones para realizar trabajos científicos, con muchos cambios de carrera cuando emigran.

Palabras clave: *Diáspora Acadêmica. Maestros y Doctores. Inmigración Brasileña. Europa. Internacionalización.*

1 Introdução

A ciência tem ocupado um papel central na produção do conhecimento moderno, sendo considerada um fator explicativo para as distintas capacidades de produção dos países, além de ser determinante para o desenvolvimento socioeconômico das nações (Silva; Baffa Filho, 2000). Desde a década de 2000, ocorreu um aumento da migração de brasileiros altamente qualificados para o exterior. O número ainda reduzido de estudos empíricos sobre o fenômeno prejudica, no entanto, a compreensão das formas mais eficazes para o envolvimento e articulação da diáspora acadêmica, com vistas à contribuição desta para o desenvolvimento dos países de origem (Carneiro *et al.*, 2020).

O diálogo científico internacional tem acontecido por meio de cooperações e intercâmbios, bolsas e incentivos para estudos, parcerias em pesquisas e programas, e mobilidade de docentes e discentes (Marinho-Araújo; Almeida, 2020). Diante desse contexto, Lombas (2017) salienta que há uma circulação de acadêmicos brasileiros que buscam formação no exterior em vários momentos de suas carreiras, no entanto o tema requer aprofundamento, dado que as análises se baseiam, sobretudo, em dados oficiais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), e, dependendo da área de concentração científica, a disparidade na estrutura de pesquisa pode ser significativa entre as instituições no Brasil e as do exterior.

Diversas reportagens jornalísticas têm apontado que, nos últimos anos, um número considerável de doutores tem deixado o país em busca de melhores oportunidades de trabalho, em um ambiente mais favorável à ciência. Esse fenômeno é uma tendência que aparece nos crescentes relatos de migração de talentos brasileiros para outros países (Silveira, 2020). No Brasil, ainda é incipiente, no entanto, a quantidade de trabalhos dedicados a análise da emigração de mão de obra qualificada (Balbachevsky; Marques, 2009; Ramos; Velho, 2011; Santos, 2021), que forma a chamada “diáspora acadêmica”. Além da escassez bibliográfica, não existem dados oficiais sobre a emigração qualificada no Brasil (Santos, 2021). As tradicionais estimativas elaboradas pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) não levam em conta o perfil do emigrante, inclusive seu grau de escolaridade, portanto este artigo busca preencher as referidas lacunas bibliográficas e estatísticas, pois, como aponta Solimano (2006),

é preciso conhecer melhor o tamanho, a direção e a composição do fluxo de pessoas qualificadas, principalmente nos países em desenvolvimento, em que as informações são precárias ou até mesmo inexistentes.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo analisar o perfil de profissionais brasileiros com qualificação *Stricto Sensu* que emigraram e a mobilidade da “diáspora acadêmica” brasileira. Neste trabalho, adotamos esse termo em vez de “diáspora de ciência, tecnologia e inovação”, apesar de o último ser mais comumente utilizado pela literatura especializada no Brasil. Isso porque a diáspora acadêmica representa um subconjunto da diáspora total e da de ciência, tecnologia e inovação, abrangendo brasileiros com mestrado e/ou doutorado que residem no exterior, portanto o uso da expressão mais restrita é mais adequado.

Para a realização deste estudo, selecionou-se uma amostra de 596 indivíduos que responderam ao questionário (amostra) e que possuíam qualificação *Stricto Sensu*, além de serem imigrantes brasileiros estabelecidos no exterior. Essa amostra foi extraída de uma amostra maior de 3.888 imigrantes brasileiros, obtida por meio de uma *survey* geral conduzida com a finalidade de evidenciar o perfil de imigrantes brasileiros, portanto a amostra contou com um recorte transversal e a coleta de dados foi realizada no período compreendido entre julho de 2019 e março de 2023. Os países estrangeiros que abrigaram esses imigrantes brasileiros e que foram considerados para o estudo, com base no critério de acessibilidade e devido à coleta prévia de dados na *survey* geral, incluem Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (Benelux), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega (Países Nórdicos) e Suíça. Adicionalmente, foram realizadas pesquisa bibliográfica, consulta a sites de órgãos públicos e pesquisa documental.

O texto está organizado em mais cinco sessões, além desta introdução. A primeira apresenta o referencial teórico utilizado para analisar a formação de mestres e doutores no Brasil, o conceito de diáspora e as questões relativas à diáspora acadêmica brasileira. Na sequência, são descritos os materiais e métodos. Em seguida, os resultados são apresentados e analisados. A quarta parte discute as respostas políticas vigentes do Estado brasileiro para o fenômeno em questão. O texto encerra com algumas considerações finais.

2 Referencial teórico

2.1 A formação de Mestres e Doutores no Brasil

A busca por inclusão social e maiores oportunidades de acesso dos cidadãos a níveis educacionais mais elevados tem acarretado políticas públicas e a expansão do ensino superior em diversos países (Marinho-Araújo; Almeida, 2020). Dentro de uma perspectiva econômica sobre a educação, já se reconhecem há algum tempo as influências da educação na ciência, tecnologia e inovação (Lastres; Albagli, 1999), bem como no desenvolvimento econômico (Ramos, 2015) e na dinâmica do mercado de trabalho (Chahad, 2017).

Ainda nessa perspectiva, não há dúvida quanto à influência da educação na produtividade da força de trabalho, das empresas, e, até mesmo, na competitividade econômica de um país (Ramos, 2015), sobretudo quando consideramos o ponto de vista da era do conhecimento (Lastres; Albagli, 1999), da sociedade da informacional e em rede (Castells, 2003) ou da economia da informação, do conhecimento e do aprendizado (Lastres; Ferraz, 1999), em um contexto de globalização (Santiago; Machado, 2015). Nesse sentido, cabe salientar que essa reflexão está relacionada à educação em todos os níveis, incluindo a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), portanto reconhece-se que a formação de indivíduos que desempenham atividades de pesquisa é algo que tem mobilizado esforços de vários países (Maschelli, 2005; Ramos; Velho, 2011). Nesse quesito, também se verifica um esforço da sociedade brasileira na busca pela expansão da pós-graduação, especialmente para a formação de doutores (Velho, 2001; Ramos; Velho, 2011, 2013; Ferreira; Chaves, 2018).

Nessa direção, o estudo de Marchelli (2005), cujo objetivo foi estabelecer comparações entre a formação de doutores nos cursos de pós-graduação brasileiros e em outros países (como EUA, França, Alemanha, Reino Unido, Japão e Coreia do Sul), teve como foco o levantamento das propostas presentes nas políticas públicas formuladas por esses países. Concluiu-se que o Brasil projetava, para o final dos anos 2000, uma posição de equilíbrio em relação aos outros países no que diz respeito à formação de doutores, tendo atingido, em 2003, a marca de 4,6 doutores para cada grupo de 100 mil habitantes. Ainda segundo o autor, conforme apontam os indicadores adotados no estudo, o Brasil já não se encontrava em posição de retaguarda ao ser comparado com as nações desenvolvidas, quanto à formação de doutores, como muitos poderiam crer, fruto de um significativo crescimento desse indicador no Brasil ao longo da década anterior.

Ramos e Velho (2013), por sua vez, procuraram discutir como a formação de pesquisadores é influenciada pela dinâmica de produção (e do produtivismo) e pelo uso do conhecimento num determinado contexto de aplicação. Nesse trabalho, as autoras argumentam que a política de pós-graduação no Brasil, orientada para a carreira e o desempenho acadêmico, não é capaz de atender às novas competências e papéis esperados dos doutores no atual cenário de intercâmbio científico, econômico e cultural, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Ainda segundo as autoras, uma das consequências desse processo de aprofundamento da inter-relação ciência-tecnologia-economia está relacionada à criação de novas oportunidades de trabalho para pesquisadores, tanto em setores e carreiras convencionais (docência e/ou pesquisa) quanto nos emergentes (profissionais engajados no desenvolvimento da pesquisa na indústria, por exemplo). Emergiu, portanto, o chamado “sistema global de ciência”. Diante disso, a formação doutoral passa a evoluir para alinhar-se a esse contexto, entretanto, no Brasil, ainda pode predominar o modelo único de formação doutoral orientado para a carreira e o desempenho acadêmico, o que significa “perder a oportunidade de o país recuperar a capacidade de gerar as competências e habilidades necessárias para seu desenvolvimento no longo prazo” (Ramos; Velho, 2013, p. 241).

Em outro trabalho, baseado no Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei nº 13.005/2014, especialmente no que diz respeito à meta 14 (estratégia 14.12), Ferreira e Chaves (2018) analisaram a política de expansão da pós-graduação na formação de doutores. Eles concluíram que o Brasil necessita aprimorar os mecanismos de fomento à pós-graduação para ampliar o número de doutores titulados. Isso se deve ao fato de que, em 2014, os índices ainda demonstravam a existência de apenas um doutor por mil habitantes, sendo necessário, na época, quintuplicar esse número para atender à referida meta, além de corrigir outras distorções em relação às regiões do país.

Seja como for, a formação de doutores (ou pesquisadores de alto nível) é um esforço de toda a sociedade brasileira, envolvendo considerável montante de recursos e o envolvimento de diversos atores, o que tende a ser entendido como um fator relevante para o desenvolvimento econômico e social do país. Tal preocupação sugere, portanto, um olhar atento sobre a formação de doutores e os impactos na propensão de migrar (Ramos; Velho, 2011), bem como sobre o que se tem nomeado de diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação (Carneiro *et al.*, 2020; Brum, 2024) ou diáspora acadêmica.

2.2 O conceito de diáspora

Diáspora é uma palavra grega que tem sido utilizada desde a Antiguidade para designar o destino do povo judeu após a destruição do Templo e a anexação da Judeia pelos romanos. Mais recentemente, o termo foi estendido para incluir a dispersão de gregos, armênios e chineses. Assim, passou também a designar a condição de um povo geograficamente disperso que se fixou em diferentes organizações políticas, mas que manteve, apesar dessa dispersão, alguma forma de unidade e solidariedade. Inicialmente, a expressão era utilizada principalmente para caracterizar grupos que passaram por deslocamentos forçados e eram tratados como vítimas, portanto o significado catastrófico de diáspora foi o que influenciou o uso histórico e popular do termo ao longo de quase dois milênios (Cohen, 2008, 2019; Sousa, 2014).

Ao longo do tempo, principalmente a partir da década de 1990, o termo evoluiu e passou a englobar todos os tipos de populações em migração – expatriados, expulsos, refugiados, residentes no exterior, e imigrantes de minorias raciais e étnicas (Cohen, 2008; Sousa, 2014). Na atualidade, o significado de diáspora está associado ao fenômeno da globalização (Riggs, 2000) e ao espaço transnacional, incluindo diversos povos, etnias e culturas que perderam seus territórios ou emigraram de seu país de origem, quer por motivos forçados ou por razões econômicas. Nesse contexto, a pátria das diásporas é uma terra adotada emocionalmente, onde se entrelaçam ao menos duas culturas (Cohen, 2008). Nas palavras de Shuval (2000, p. 43), o discurso sobre diáspora “reflete uma sensação de ser parte de uma rede transnacional contínua que inclui pessoas dispersas que mantêm um senso de sua singularidade e um interesse em sua pátria”. De acordo com Riggs (2000), as novas diásporas são decorrentes da globalização e da crescente mobilidade das pessoas, resultantes da facilidade atual de viajar, da disseminação das informações e da “erosão” das fronteiras do Estado.

Como demonstrado, no início do século XXI, o conceito é empregado em uma variedade de configurações e para uma variedade de finalidades (Cohen, 2019). A Organização Internacional para as Migrações (OIM), por exemplo, define diáspora como “indivíduos e membros de redes, associações e comunidades que deixaram seu país de origem, mas mantêm vínculos com suas terras de origem” (OIM, 2019, p. 49). Este artigo adota esse conceito amplo de diáspora e, a seguir, apresenta algumas questões relacionadas à diáspora acadêmica brasileira.

2.3 As questões relativas à diáspora acadêmica brasileira

Carneiro *et al.* (2020) e Brum (2024) destacam que, originalmente, a migração dos talentos era analisada nos termos dicotômicos da fuga de cérebros (*brain drain*, em inglês), onde o país que havia investido na formação “perdia” essa pessoa para um outro país. Os debates sobre os movimentos migratórios levaram a uma evolução dos conceitos relacionados ao tema, criando as perspectivas de circulação de cérebros (*brain circulation*, em inglês) (Cohen, 2013), rede de cérebros (*brain networking*, em inglês) (Ciumasu, 2010) ou, em decorrência da globalização da economia e das tecnologias da informação e comunicação, as chamadas carreiras sem fronteiras (Baruch; Altman; Tung, 2016) e nômades digitais (Medeiros; Fiorillo, 2022).

Nos últimos anos, diversos artigos abordaram aspectos dos desafios da imigração e da diáspora acadêmica, assim como suas implicações para os países de origem desses cérebros (Bezerra; Silveira Neto, 2008; Balbachevsky; Silva, 2012; Silveira, 2020). Porém, nenhum estudo havia feito uma análise sistemática das motivações que levaram acadêmicos brasileiros a emigrar, das barreiras enfrentadas e do relato de trajetórias e casos de sucesso. Isso é corroborado pela declaração de Silveira (2020) de que não há dados oficiais sobre esta “fuga”, visto que os jovens doutores que deixam o país o fazem com bolsas de universidades ou centros de pesquisa do exterior que os contratam, e não de instituições brasileiras, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior (CAPES) ou o CNPq. Carneiro *et al.* (2020) reforçam que há limitações, por exemplo, no robusto trabalho da OBMigra (UnB) para o dimensionamento da diáspora de ciência, tecnologia e inovação, pois os dados do Sistema de Tráfego Internacional não possibilitam identificar o destino nem o motivo da saída. Além disso, o foco principal do estudo está nos migrantes qualificados que entram no país, e não nos que saem.

Como afirmam Balbachevsky e Silva (2012), os expatriados acadêmicos participantes dessa diáspora acadêmica promovem ainda mais a própria diáspora. Os autores discutem as experiências de organização da participação da diáspora científica brasileira e seu potencial para enfrentar os desafios futuros da ciência e tecnologia no Brasil, tomando como referência algumas experiências ocorridas nos EUA.

Do lado da avaliação dos programas de pós-graduação brasileiros, a CAPES incentiva tanto a formação de recursos humanos pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) quanto estabelece critérios para a avaliação dos intercâmbios acadêmicos mediante o

fluxo contínuo de docentes e discentes, por meio do estabelecimento de contratos de parceria interinstitucional (Lo Bianco *et al.*, 2010).

O fato é que milhares de brasileiros realizam pesquisa e desenvolvimento (P&D) em centros de pesquisa renomados espalhados pelo mundo. Atualmente, conhecer a diáspora acadêmica brasileira possibilitará criar oportunidades de colaboração entre instituições nacionais e estrangeiras, fazendo que o Brasil esteja cada vez mais inserido em projetos de cooperação internacional, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento do país (Lombas, 2017; Pedraza-Nájar; Rodriguez-Rojas; Juárez, 2013).

No sentido mais geral da migração de brasileiros no exterior, percebe-se uma tendência à feminização desse fluxo, como relatado em trabalhos de Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020), Costa e Ruviaro (2020) e Assis e Siqueira (2021). Ademais, sabe-se que globalmente há uma tendência de aumento da inserção das mulheres no mundo acadêmico, sobretudo buscando qualificação no exterior (Ackers, 2004), embora os dados históricos brasileiros apontem para uma maior quantidade de homens que buscaram complementação de sua formação no estrangeiro (Lombas, 2017).

Quanto à faixa etária, as amostras de trabalhos que realizaram coletas de dados primários em comunidades de imigrantes tipicamente apontam para indivíduos na faixa economicamente ativa, dado que muitos emigram quando são jovens para buscar uma vida melhor no exterior. Considera-se, portanto, que a maior parte dos brasileiros no exterior está compreendida na faixa etária de 24 anos até 45 anos (Cruz; Falcão; Barreto, 2017; Cruz *et al.*, 2022).

Conforme visto na seção anterior, até os anos 1990, os programas de doutorado no Brasil eram incipientes ou inexistentes em muitas áreas, o que levou a muitos acadêmicos a obterem seus títulos no exterior (Lombas, 2013). Na atualidade, percebe-se que parte daqueles que emigram busca uma formação complementar, por meio de doutorados-sanduíche ou estágios pós-doutorais (Lombas, 2017), no entanto Lombas (2017) defende não haver uma perda tão significativa de talentos científicos para o exterior, pois o que ocorre é mais um fenômeno chamado de circulação de cérebros, com o retorno ao país após o término dos estudos ou estágio de pesquisa.

Sabe-se que, diante das exigências da CAPES em internacionalizar a pesquisa brasileira, tem ocorrido um esforço cada vez maior das instituições e dos pesquisadores para estreitar as relações científicas e tecnológicas com o ambiente internacional. Isso tem demandado um esforço por parte do governo federal, com o aporte expressivo de recursos públicos (via CAPES

e CNPq), para estimular a ida de brasileiros para realização de pesquisas no exterior, sobretudo em países desenvolvidos (Lombas, 2013, 2017). Segundo Lombas (2017), no entanto, apesar do incentivo dado pelas referidas agências de financiamento científico para a internacionalização da pesquisa brasileira, ainda não se conhecem os efeitos provocados pela perda de pesquisadores qualificados para outros países.

Os relatórios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2009, 2006) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) (2014) apontam para uma tendência de incremento, ao longo dos anos 1970 e 1980, no número de estudantes que deixaram seus países de origem com o objetivo de realizar seus estudos no exterior em cursos de graduação e de pós-graduação, superando um milhão em 1980 e chegando a 4,5 milhões em 2012. Ainda segundo esses documentos, os principais destinos de acolhimento de estudantes estrangeiros foram os EUA, Reino Unido, França, Alemanha, Canadá e Austrália, representando 50% do fluxo; no entanto sabe-se que outros destinos emergiram como alternativas, sobretudo para brasileiros, como Portugal, Espanha, Japão, Escandinávia, entre outros (Castro *et al.*, 2012).

Ressalta-se também que outro fenômeno que tem acontecido com frequência é o deslocamento de pesquisadores para o exterior em ondas, ou seja, caracterizado por diversas incursões ao exterior durante suas respectivas carreiras científicas, quer para estudos de graduação, treinamento em pesquisa, parte de sua formação doutoral ou estágios pós-doutorais (Lombas, 2017). Nesse sentido, esse processo contínuo de inserção internacional ocorre repetidamente e em momentos distintos da carreira acadêmica ou profissional, com duração e destinos variados (Lombas, 2017). Esse fenômeno é enquadrado como circulação de cérebros, em razão da natureza colaborativa da pesquisa com outros centros e das múltiplas viagens e períodos no exterior (Ackers, 2005; Jöns, 2007). Além disso, há também as inúmeras participações dos cientistas em congressos, seminários e outras atividades que implicam viagens de curto prazo (Lombas, 2017).

Mesmo sabendo que há uma emigração qualificada de brasileiros, muitos desses indivíduos encontram dificuldades para a validação de seus diplomas (Ennerberg; Economou, 2022) e enfrentam discriminação relativa à sua proficiência na língua local para a inserção no mercado de trabalho (Farahani; Thapar-Björkert, 2019).

Ademais, as relações interculturais transcendem as cooperações científicas em uma realidade cada vez mais globalizada, facilitada pela participação virtual em conferências,

bancas de mestrado e doutorado, e na cooperação no sentido mais amplo da pesquisa. Isso tem se tornado um componente crucial para a formação profissional e para o desenvolvimento de competências, qualidades, atitudes e experiências que promovem maior competitividade e qualificação dos profissionais brasileiros no mercado de trabalho internacional (Lewin, 2009; Proctor; Rumbley; 2018).

3 Material e métodos

3.1 Coleta de dados

O estudo seguiu uma abordagem quantitativa, de natureza aplicada, com objetivo descritivo, utilizando o método de levantamento das informações e dados dos emigrantes brasileiros por meio de um instrumento de coleta de dados do tipo *survey* (Creswell, 2010). Dado que o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e as mobilizações da diáspora acadêmica brasileira, o questionário foi estruturado com perguntas abertas e fechadas para emigrantes brasileiros e encaminhado no formato online via *Google Forms*, por meio de grupos de Facebook e mensagens via LinkedIn e WhatsApp.

A amostra, composta por um questionário respondido por 596 indivíduos com titulação de mestrado ou doutorado antes de iniciarem o processo de migração, foi selecionada por conveniência e acessibilidade, a partir de uma amostra maior de 3.888 indivíduos que emigraram do Brasil para se estabelecer no exterior e responderam ao questionário (amostra geral, com somatório das amostras parciais de cada país). Foi realizado um recorte transversal com coleta de dados no período compreendido entre julho de 2019 e março de 2023. Os países estrangeiros de acolhimento dos imigrantes considerados no estudo (que já haviam participado da pesquisa geral de imigrantes brasileiros) foram: Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (Benelux), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega (Países Nórdicos) e Suíça. As estimativas populacionais segundo o Itamaraty, a amostra por país e o número de mestres e doutores (dentro das amostras por país) estão demonstrados a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 – Estimativas populacionais e Amostras.

	Estimativas populacionais segundo Itamaraty	Amostra por país	Mestres	Doutores
Alemanha	144.120	652	77	12
Benelux	72.252	488	81	12
Países Nórdicos	35.094	621	83	42
Espanha	156.439	477	56	11
França	81.400	605	74	22
Itália	161.000	435	27	28
Suíça	75.800	610	63	21
Total	726.105	3.888	461	148

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O Quadro 1 evidencia os dados oficiais do MRE (2021a), sugerindo a presença de 726.105 brasileiros morando nos países pesquisados, no entanto, por serem dados oficiais estimados pelo corpo consular e embaixada, não estão incluídos os imigrantes em situação irregular. Como não existe uma metodologia para estimar o número total de imigrantes (incluindo aqueles em situação irregular) nem para atualizar os dados para a data corrente, os pesquisadores optaram por utilizar essa população para o cálculo amostral, valendo-se de um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, resultando em um tamanho de amostra mínimo de 383 brasileiros em cada um desses países (Hair *et al.*, 2006).

Os pesquisadores basearam-se no trabalho de Baltar e Icart (2013), utilizando como base seu questionário validado por estes autores e adaptando-o para o português. Seguindo um modelo semelhante ao de Baltar e Icart (2013), o questionário incluiu perguntas sobre o perfil sociodemográfico (e.g., idade, sexo, escolaridade etc.) dos indivíduos que responderam ao questionário (amostra), suas motivações para emigrar do Brasil e se estabelecer no país de acolhimento, além do tipo de visto de entrada e das atividades que estavam realizando no momento do preenchimento do questionário. O questionário também foi submetido a um pré-teste com alunos de graduação da universidade de um dos pesquisadores. Foram utilizados grupos de Facebook, LinkedIn e WhatsApp para distribuir o questionário aos indivíduos que participaram da pesquisa (amostra), portanto os pesquisadores se cadastraram em mais de 80 grupos de Facebook ligados a comunidades de brasileiros nos países envolvidos na pesquisa,

mesmo sabendo que nem todos os membros dos grupos eram brasileiros imigrantes, mas simpatizantes da ideia de imigração.

Como muitos desses grupos de Facebook são fechados, os pesquisadores tiveram que aguardar a aprovação dos administradores para postar os links dos questionários e participar das conversas. Mesmo após a aprovação para inclusão no grupo, as postagens também ficavam sujeitas à validação do administrador. Nesse caso, era feito um contato com os responsáveis pelo grupo via *inbox* (mensagem de texto exclusiva) para explicar o propósito do projeto de pesquisa, solicitando também ajuda na divulgação do *link* da *survey* e visando obter acesso a uma quantidade de indivíduos que respondessem ao questionário (amostra) para atingir o mínimo cálculo amostral.

Outra estratégia utilizada foi observar os membros mais ativos dos grupos de Facebook, aqueles com o maior número de postagens ou participações, enviando mensagens privadas e solicitando seu apoio, tanto para responder ao questionário quanto para divulgá-lo. Também foram enviadas mensagens via *inbox*, LinkedIn e grupos de WhatsApp. Durante toda a coleta de dados, respeitou-se o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (RGPD-UE 2016/679), que exige o tratamento confidencial de dados sensíveis durante seu processamento. Além disso, o projeto de pesquisa guarda-chuva foi inscrito na plataforma Brasil, sob o protocolo CAAE - 64516622.5.0000.5283.

3.2 Análise dos dados

Para análise de dados, foi aplicada a estatística descritiva com a finalidade de descrever o perfil acadêmico, características e traços importantes dos imigrantes brasileiros (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). As principais variáveis incluíram idade (anos), sexo, tempo de migração (meses), formação continuada (novos cursos realizados no país estrangeiro), instituição de ensino superior (primeira graduação no Brasil), ocupação atual (atividade no país estrangeiro), país de destino dos brasileiros, moradia dos emigrantes, e motivos que levaram os emigrantes brasileiros a saírem do Brasil. No tratamento dos dados, foram utilizados os *softwares* Minitab (versão 21.1.0), para análise estatística e produção de tabelas e figuras, com intervalo de confiança de 95%. Utilizou-se também o Iramuteq (versão 0.7 Alpha 2) e R (Versão 3.2.3), para análise de conteúdo e nuvens de palavras.

4 Resultados

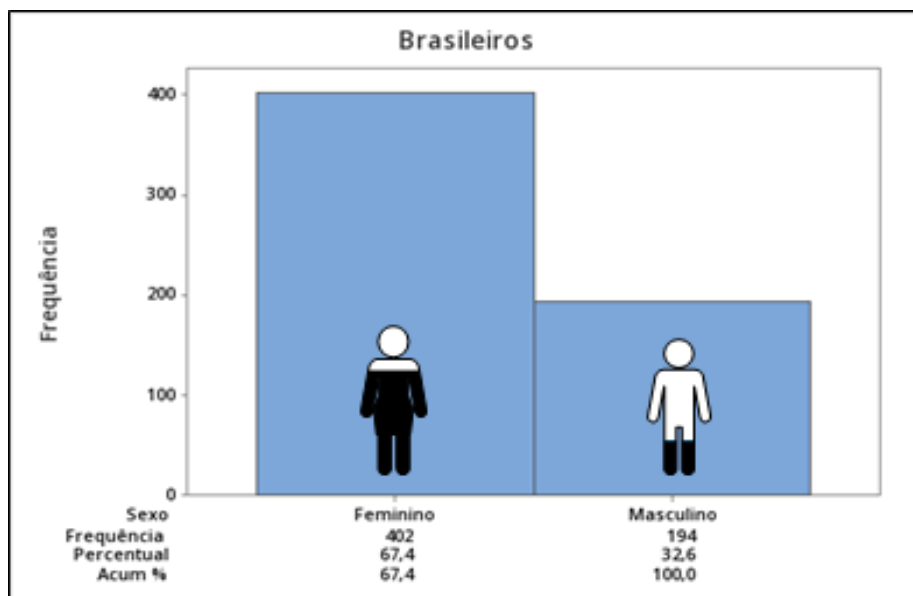
A análise dos dados é apresentada a partir do objetivo proposto no presente artigo: analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e as mobilidades da diáspora acadêmica brasileira, portanto, a seguir, são apresentados os resultados e análises do levantamento realizado.

4.1 Perfil do emigrante brasileiro

Para evidenciar esse aspecto, tendo como foco os profissionais que saíram do Brasil com formação de mestres e doutores, foram consideradas as variáveis: sexo; idade (anos); estado brasileiro em que nasceu; instituição de graduação dos profissionais; tempo de migração (meses); e moradia atual no país estrangeiro.

Na Figura 1, evidencia-se que a emigração dos brasileiros tem uma proporção maior do sexo feminino (67,4%) com titulação em mestrado e/ou doutorado. Nesse sentido, o resultado aponta para uma feminização da migração brasileira.

Figura 1 – Migração dos Brasileiros por Sexo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020) destacam que os textos seminais sobre o tema têm como foco as jovens brasileiras (20 a 40 anos). As autoras apontam os preconceitos sofridos pelos estereótipos das mulheres imigrantes e descrevem a inserção das mulheres no mercado de trabalho, destacando que elas, principalmente, desempenham funções de limpeza, cuidadoras de crianças e idosos, e outros serviços relacionados à domesticidade. Devido ao elevado perfil de escolaridade da presente amostra, no entanto, o perfil dos indivíduos que responderam ao questionário (amostra) se distancia daquele anteriormente descrito por essas e por outros autores (Costa; Ruviano, 2020; Assis; Siqueira, 2021).

Sabe-se que, no passado, a imigração brasileira era caracterizada por homens em busca de condições melhores de trabalho, que sustentavam suas famílias à distância e enviavam remessas de dinheiro mensalmente, como no caso dos brasileiros estabelecidos na América do Norte (Goza, 1994). Textos recentes relativos ao perfil dos brasileiros na Alemanha e nos Países Nórdicos, por exemplo, destacam que essas mulheres brasileiras, em sua maioria, têm nível superior e buscam melhores condições de vida para si e para suas famílias, como uma melhor educação, segurança e estabilidade econômica (Cruz *et al.*, 2022; Falcão *et al.*, 2022).

Evidencia-se, na Tabela 1, a relação entre gênero e idade.

Tabela 1 – Migração por Idade e Sexo dos Brasileiros.

Variável	Sexo	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quanto anos você tem?	Feminino	402	37,465	8,370	22,340	24,000	36,000	79,000
	Masculino	194	37,082	8,677	23,400	24,000	35,000	69,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se na Tabela 2 que a idade de migração dos brasileiros em busca de oportunidades em outros países, tanto para homens como para mulheres, é similar, com uma média em torno de 37 anos, considerando a faixa etária de emigrantes de 24 anos até 79 anos. Benea-Popușoi, Roșca e Bîrcă (2021) destacam que trabalhadores altamente qualificados desempenham um papel central na atual “economia do conhecimento” e que a sociedade global está em constante evolução, com os países emergentes se tornando uma nova força. As autoras reforçam que os recém-formados são multiculturais e “móveis” por natureza.

Já a Comissão Especial de Acompanhamento do Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020 da CAPES destaca que é preciso valorizar a educação, a ciência, a tecnologia e a

inovação, apoiando o empreendedorismo inovador e investindo em recursos humanos, principalmente em jovens (Audy *et al.*, 2021). A comissão também identifica que essa estratégia é vital para posicionar o Brasil como protagonista no cenário mundial. Por outro lado, questiona-se por que se esforçar tanto na formação de jovens mestres e doutores se diversos autores apontam que o país não avança na criação de condições atrativas para que eles permaneçam no país (Silva *et al.*, 2023).

Tabela 2 – Idade e Sexo dos Brasileiros com Mestrado no Brasil.

Resultado para Qual seu grau de escolaridade = Mestrado								
Variável	Sexo	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Feminino	300	37,427	8,388	22,410	24,000	36,000	79,000
	Masculino	154	37,357	8,840	23,660	24,000	35,000	69,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Tabela 2 indica que a idade média geral dos brasileiros com mestrado está em torno de 37,392 anos, não evidenciando diferença significativa de idade entre os sexos feminino (37,427 anos) e masculino (37,357 anos).

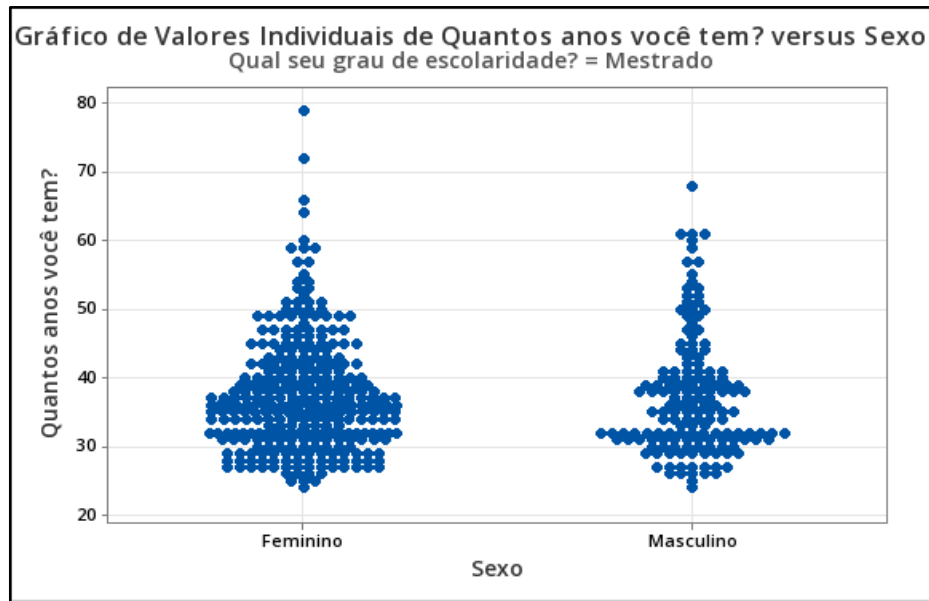
Tabela 3 – Sexo e Idade dos Brasileiros com Doutorado no Brasil.

Resultado para Qual seu grau de escolaridade = Doutorado								
Variável	Sexo	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Feminino	102	37,578	8,356	22,240	25,000	36,000	68,000
	Masculino	40	36,020	8,040	22,310	26,000	35,000	69,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Tabela 3 indica que, no grupo de emigrantes brasileiros com doutorado, o sexo masculino apresenta uma idade média (36,02 anos) menor que o sexo feminino (37,578 anos). Esses dados indicam que os homens com doutorado no Brasil tendem a participar do processo migratório com uma idade ligeiramente mais jovem em comparação com as mulheres.

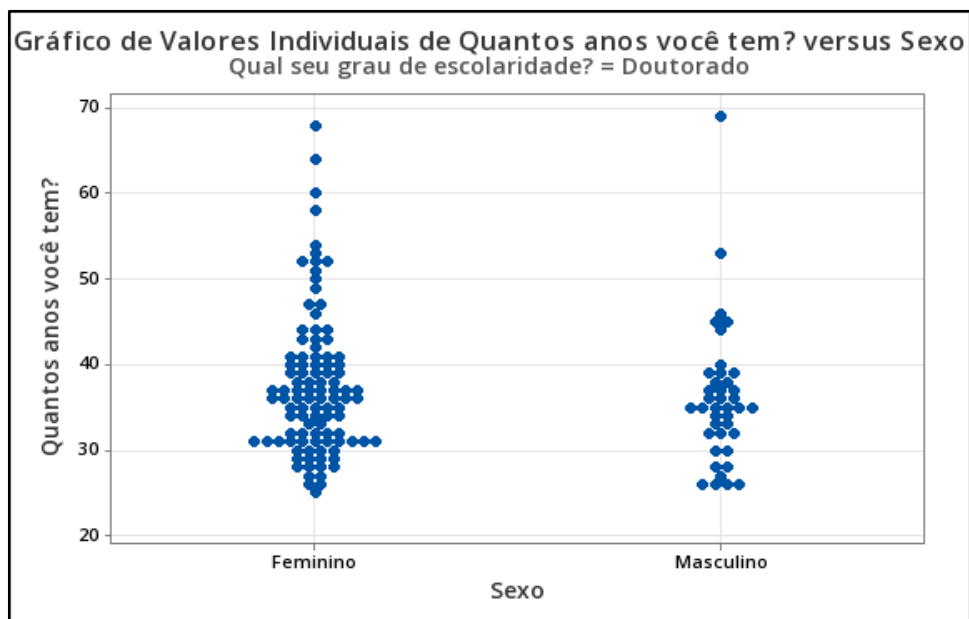
Figura 2 – Emigrantes com Mestrado.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 2 evidencia que a quantidade de emigrantes do sexo feminino representa 60% do total de emigrantes com mestrado (461).

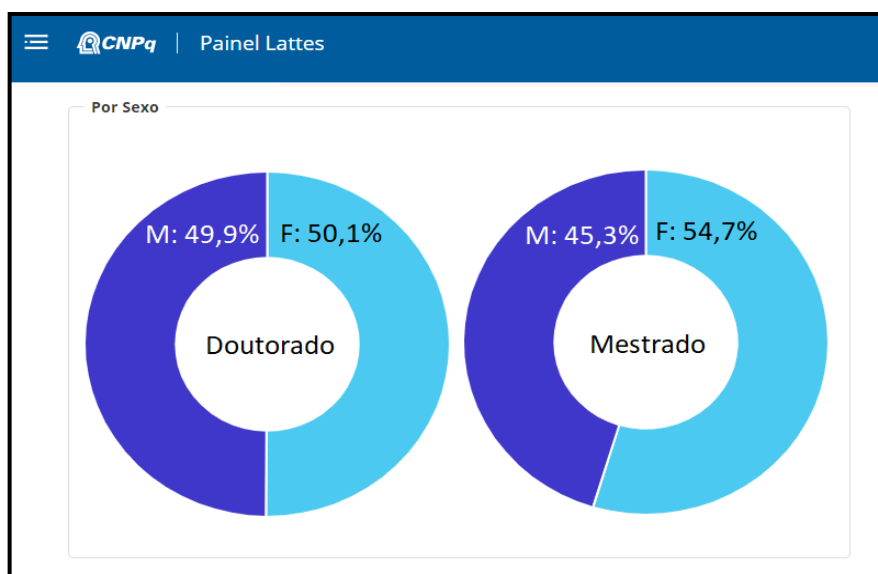
Figura 3 – Emigrantes com Doutorado.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 3 evidencia que a quantidade de emigrantes do sexo feminino representa 72% do total de emigrantes com doutorado (148). Esses dados podem ser confrontados com os disponíveis no Painel Lattes, uma base de interação e pesquisa que oferece informações atualizadas sobre a atuação de pesquisadores em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), cadastrados por intermédio do currículo Lattes (ver Figura 4).

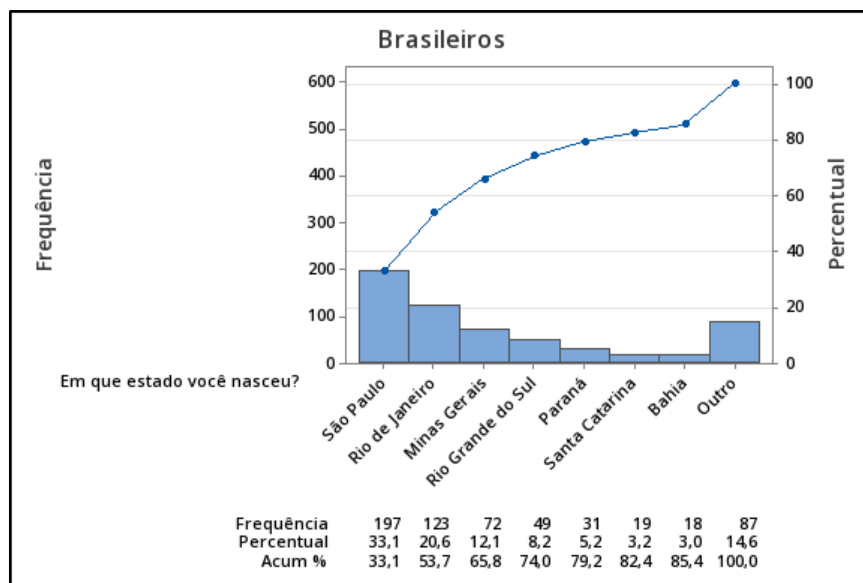
Figura 4 – Dispersão por Gênero e Grau de Formação – Painel Lattes.



Fonte: Adaptado com dados do Painel CAPES (<https://painel-lattes.cnpq.br/>).

Conforme aponta a Figura 4, nesta base brasileira de currículos, o perfil identificado parece reforçar ainda mais a ideia da feminização do contingente migratório e não um fato decorrente da formação acadêmica no Brasil, dado que os percentuais masculino e feminino, tanto entre os pesquisadores com doutorado quanto com mestrado, são relativamente equilibrados, havendo apenas uma ligeira predominância feminina em nível de mestrado.

Figura 5 – Estado Brasileiro de Origem.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Já a Figura 5 indica que 74% dos emigrantes brasileiros nasceram nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Destaca-se que, nos últimos anos, as estatísticas da CAPES sobre mestres e doutores matriculados ou formados no Brasil seguem exatamente a mesma ordem. Apenas a partir do ano de 2020, o estado da Bahia supera o número de Santa Catarina (ver Quadro 2).

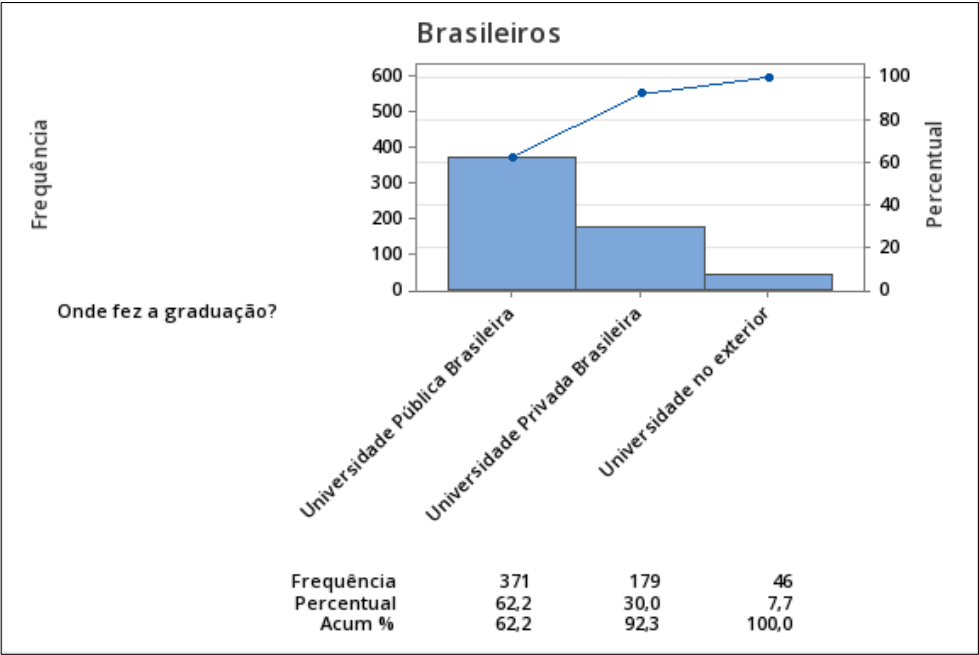
Quadro 2 – Quantidade de Alunos e Formados nos Mestrados e Doutorados Brasileiros, por Estado.

	2016	2017	2018	2019	2020	2021
SP	88.988	90.099	91.300	91.471	89.493	92.050
RJ	44.332	45.069	46.721	47.777	47.683	50.380
MG	34.962	37.056	38.464	39.518	39.098	40.148
RS	32.842	33.897	34.533	35.292	35.417	36.882
PR	23.504	25.042	26.766	28.120	28.397	28.993
SC	14.007	14.679	15.187	15.805	15.666	16.480
BA	13.559	14.162	14.879	15.667	15.893	17.265
PE	13.512	13.743	14.321	14.984	14.959	15.966
CE	10.094	10.843	11.492	12.008	12.056	12.838
DF	10.044	10.431	11.243	11.756	11.877	12.713

Fonte: GEOCAPES - Sistema de Informações Georreferenciadas – CAPES (2022).

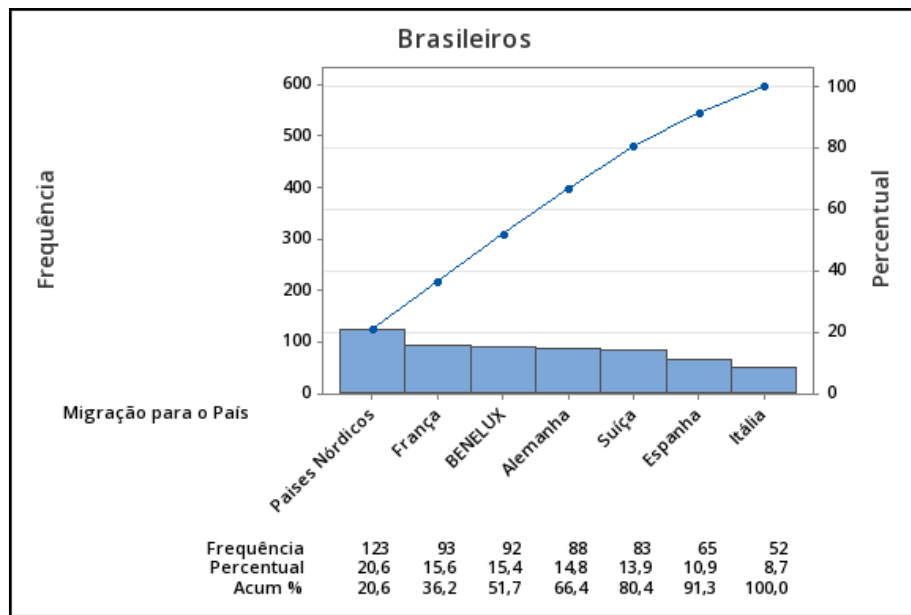
A Figura 6 evidencia que 62,2% dos indivíduos que responderam ao questionário (amostra) cursaram universidade pública no Brasil. Esse panorama reforça a necessidade de uma reflexão quanto às políticas educacionais brasileiras, que criam oportunidades de formação em nível superior, mas acabam perdendo mão de obra qualificada para outros países.

Figura 6 – Instituição de Graduação dos Brasileiros Emigrantes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na Figura 7, nota-se que os Países Nórdicos (20,6%), França (15,6%), Benelux (15,4%), Alemanha (14,8%) e Suíça (13,9%) representam um contingente de 80,4% dos brasileiros que emigraram do Brasil para os países receptores analisados nesta amostra.

Figura 7 – Países que acolheram os Brasileiros Emigrantes.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Espanha e Itália apresentam menor volume de emigração de brasileiros com nível de *Stricto Sensu*, o que indica uma atratividade maior dos países do Norte da Europa para cidadãos mais qualificados, em linha com o que apontam trabalhos anteriores (por exemplo, Castro *et al.*, 2012).

Conforme a Tabela 4, tendo como referência o tempo em meses em que os emigrantes estão residindo nos países estrangeiros, a média geral está em torno de 64 meses, o que corresponde a 5,3 anos. Além disso, observa-se que o tempo médio de residência no país estrangeiro é 13% para o sexo feminino (média = 68,03 meses) em comparação com o sexo masculino (média = 60,55 meses), mesmo levando em consideração a grande variabilidade dos dados coletados.

Tabela 4 – Tempo de Migração e Sexo dos Brasileiros.

Variável	Sexo	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Há quanto tempo está neste país?	Feminino	402	68,030	37,040	54,460	12,000	59,000	120,000
	Masculino	194	60,550	38,780	64,040	12,000	59,000	120,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Tabela 5 indica uma média geral de 65,25 meses (cinco anos) de residência dos emigrantes no país estrangeiro. França (74,3 meses), Benelux (67,07 meses), Suíça (67,01 meses), Espanha (66,22 meses) e Países Nórdicos (65,60 meses) são os países que acolhem o emigrante por mais tempo, de acordo com as evidências da amostra da presente pesquisa.

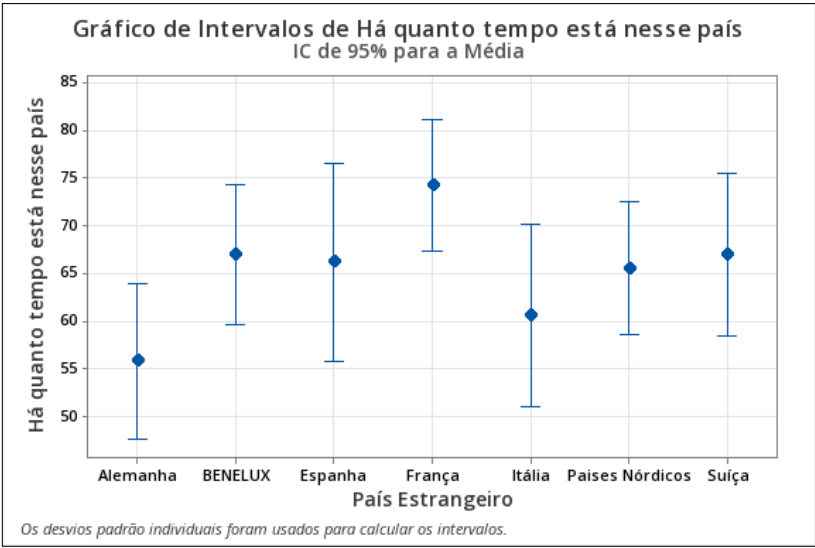
Tabela 5 – Tempo de Migração e País Estrangeiro.

Variável	País	Contagem Total	Média	Desvpad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Há quanto tempo está neste país?	Alemanha	88	55,880	38,500	68,910	12,000	59,000	120,000
	BENELUX	92	67,070	35,460	52,870	12,000	59,000	120,000
	Espanha	65	66,22	41,6	62,82	12,000	59,000	120,000
	França	94	74,3	33,66	45,3	12,000	59,000	120,000
	Itália	52	60,67	34,48	56,83	12,000	59,000	120,000
	Países Nórdicos	124	65,6	39,4	60,05	12,000	59,000	120,000
	Suíça	81	67,01	38,68	57,73	12,000	59,000	120,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 8, por sua vez, indica que a França apresenta um tempo médio de 74,3 meses, o que é 14% maior do que a média geral de 65,25 meses (5,43 anos), considerando intervalo de confiança de 95%.

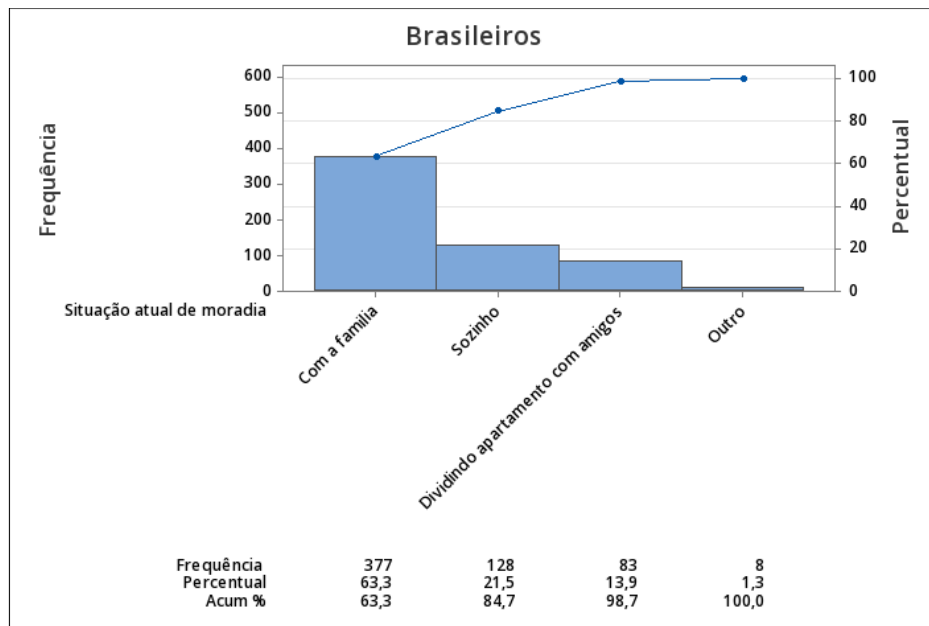
Figura 8 – Tempo de Migração e País Estrangeiro.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 9 demonstra o tipo de moradia no país estrangeiro, indicando que 63,3% dos brasileiros moram com a família no exterior e 21,5% moram sozinhos, sugerindo que a emigração frequentemente envolve reunião familiar ou matrimônio no país de acolhimento. Isso também está relacionado com a feminização da emigração (Queiroz; Cabecinhas; Cerqueira, 2020; Costa; Ruviaro, 2020; Assis; Siqueira, 2021).

Figura 9 – Moradia no País Estrangeiro.



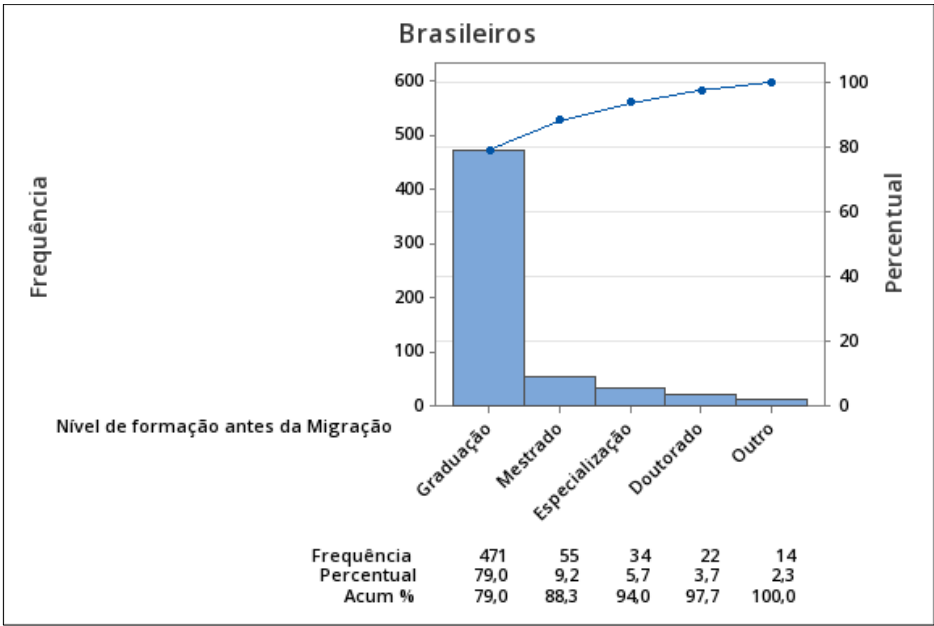
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Como há poucas informações sobre os mestres e doutores brasileiros no exterior, esses resultados contribuem com a literatura científica ao evidenciar o perfil da diáspora acadêmica e preencher parcialmente essa lacuna. Como demonstrado, o fluxo migratório analisado compartilha algumas características com a emigração brasileira de forma geral, como a tendência de feminização da migração, conforme apresentado por Assis e Siqueira (2021) e Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020), além do predomínio dos estados do Sudeste e Sul do Brasil como origem desses fluxos, apesar da diversificação das regiões de origem, como demonstrado por Brum (2022).

4.2 Mobilidades da diáspora acadêmica brasileira

Nesse aspecto, são analisadas as novas formações no país estrangeiro, tendo como foco os profissionais que saíram do Brasil com formação de mestres e doutores. A Figura 10 indica que 79% do total de indivíduos que responderam ao questionário (596 pessoas) cursaram uma nova graduação no país estrangeiro, mesmo já tendo a titulação de mestre ou doutor.

Figura 10 – Nova Formações no Exterior dos Brasileiros Emigrantes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Isso possivelmente indica barreiras na validação de diplomas anteriores e uma busca por recolocação qualificada dos indivíduos (Ennerberg; Economou, 2022). Esses profissionais podem enfrentar discriminação para inserção no mercado de trabalho devido ao seu grau de proficiência na língua local, sobretudo em áreas como trabalho acadêmico, indústria de serviços, comércio, entre outros (Farahani; Thapar-Björkert, 2019).

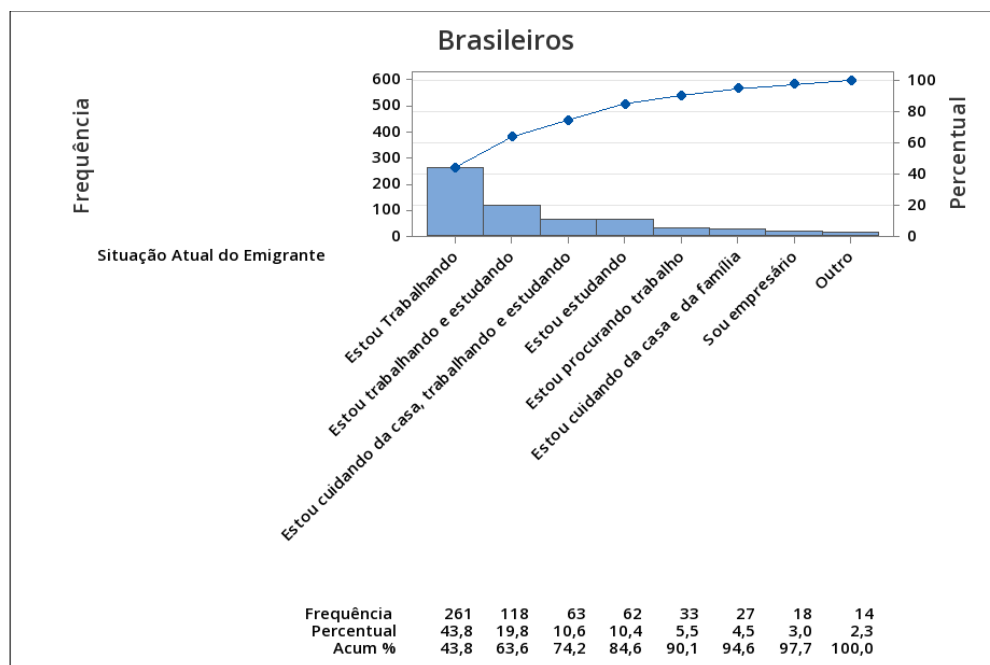
Na Tabela 6, a idade média dos emigrantes brasileiros que realizaram outro mestrado no país estrangeiro é menor (33,82 anos) em comparação com a idade média dos brasileiros que realizaram uma especialização (39,68 anos).

Tabela 6 – Idade e Novas Formações no Exterior dos Brasileiros Emigrantes.

Variável	Formação anterior	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Doutorado	22	39,500	8,810	22,310	30,000	37,000	60,000
	Especialização	34	39,680	9,180	23,150	28,000	38,000	68,000
	Especialização e Mestrado	13	37,69	7,85	20,82	27,000	35,000	52,000
	Graduação	471	37,47	8,428	22,49	24,000	36,000	79,000
	Mestrado	55	33,82	7,61	24	24,000	32,000	55,000
	Pós-Doutorado	1	37	*	*	37,000	37,000	37,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se na Figura 11 que 74,2% dos emigrantes brasileiros estão trabalhando (261 indivíduos que responderam ao questionário), trabalhando e estudando (118 indivíduos que responderam ao questionário) e cuidando da casa, trabalhando e estudando (63 indivíduos que responderam ao questionário), enquanto 5,5% desses brasileiros estão procurando emprego (33 indivíduos que responderam ao questionário), o que aponta para um relativo sucesso de trajetória migratória qualificada.

Figura 11 – Ocupação no País de Emigração.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A situação atual da atividade profissional dos emigrantes por idade é evidenciada na Tabela 7, que mostra que 44% do total dos emigrantes está trabalhando (261 indivíduos que responderam ao questionário) com uma idade média de 36,920 anos, enquanto 20% estão trabalhando e estudando (118 indivíduos que responderam ao questionário) com idade média de 37,390 anos. Isso aponta para uma diferença de médias pouco significativa e para indivíduos na faixa economicamente ativa, mas com idade mais avançada, possivelmente indicando uma progressão de carreira.

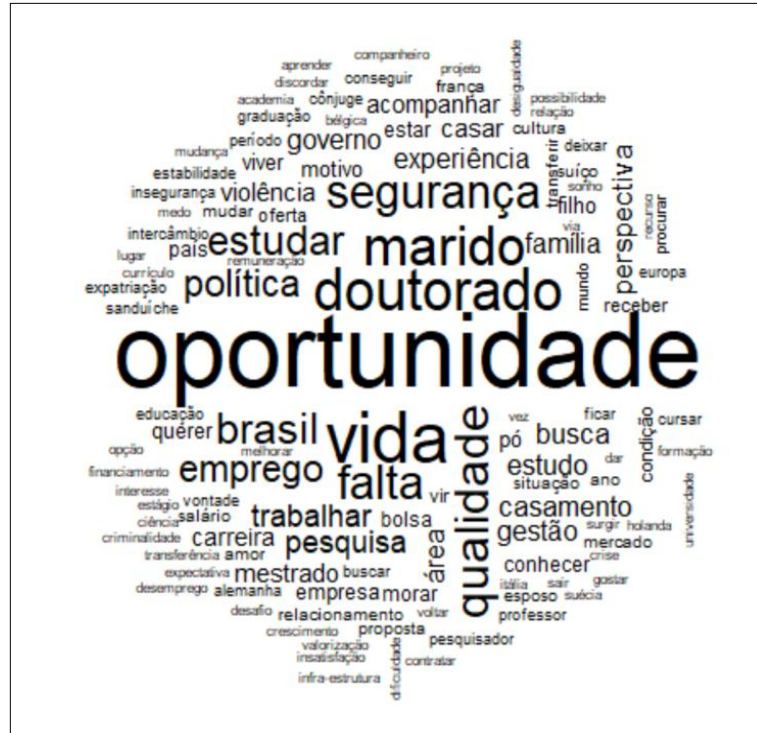
Tabela 7 – Idade e Ocupação no País de Emigração.

Variável	Situação atual	Contagem Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Buscando abrir um negócio	4	43,000	10,860	25,260	35,000	39,000	59,000
	Trabalho voluntário	3	36,33	5,03	13,85	31	37	41,000
	Cuidando da casa e da família	27	41,48	11,57	27,89	25	38	68,000
	Cuidando da casa, trabalhando e estudando	63	39,59	9,58	24,21	27	37	72,000
	Estudando	62	33,5	6,129	18,3	24	32,5	52,000
	Fazendo turismo	2	41,5	3,54	8,52	39	41,5	44,000
	Procurando trabalho	33	38,64	9,55	24,71	25	36	61,000
	Trabalhando	261	36,92	7,535	20,41	25	35	61,000
	Trabalhando e estudando	118	37,39	9,213	24,64	25	36	79,000
	Vivendo de renda	5	38,8	10,03	25,86	24	42	51,000
	Sou empresário (a)	18	37,94	6,73	17,72	26	39	50,000

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Já a Figura 11, que apresenta uma nuvem de palavras baseada nas respostas às perguntas abertas, reforça os principais fatores para o processo de emigração dos brasileiros neste estudo, como oportunidades em outros países, realização de doutorado, busca de qualidade de vida e acompanhamento da mobilidade do marido no exterior. Essas são causas recorrentes de emigração brasileira, como pode ser visto em trabalhos como os de Cruz, Falcão e Barreto (2017) e de Cruz *et al.* (2022).

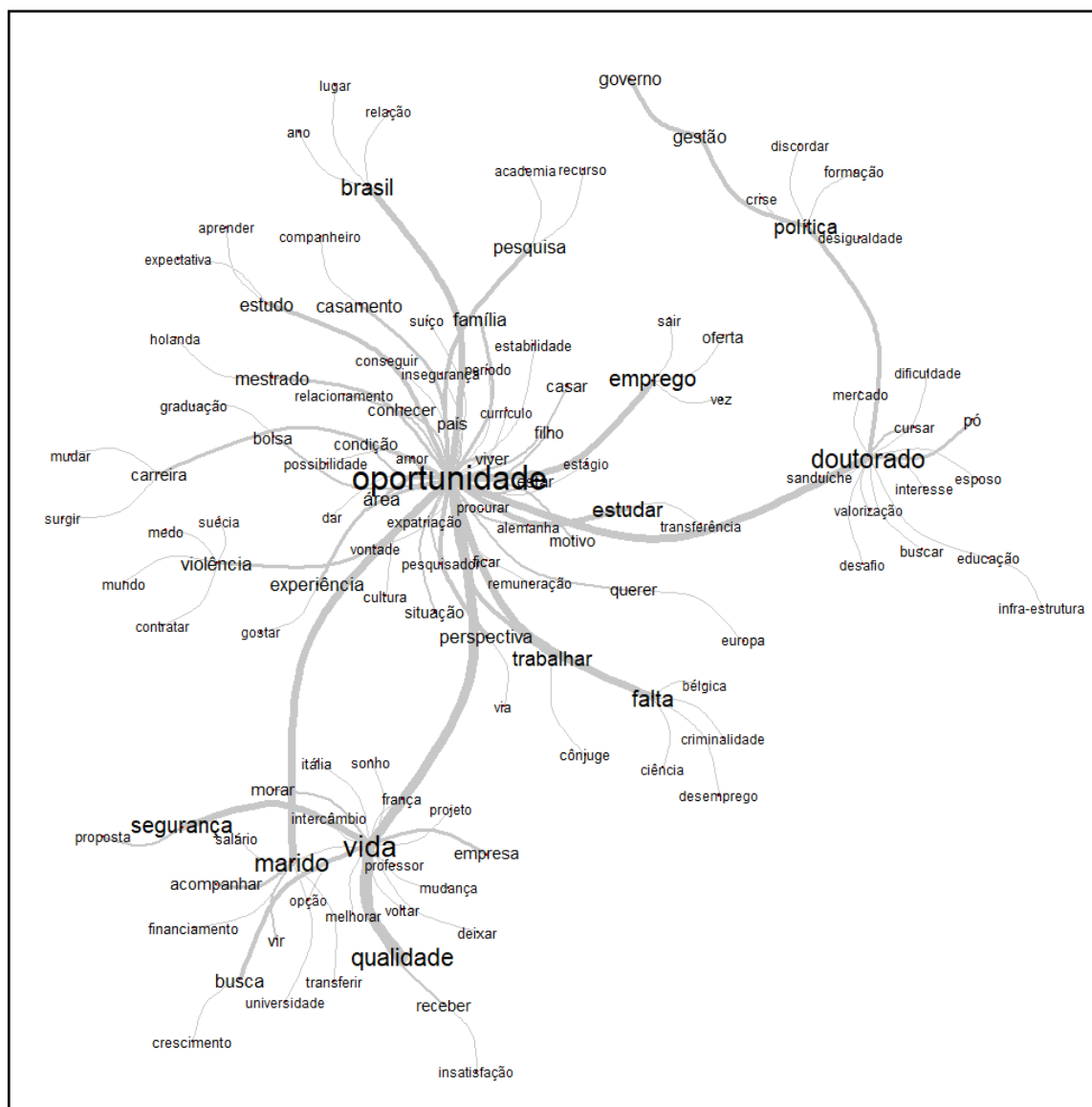
Figura 11 – Motivos da Emigração Brasileira.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 12 demonstra como esses fatores estão relacionados, evidenciando as razões que levaram os brasileiros com titulação de mestres e doutores a emigrarem para outros países. O fator mais frequente foi a expectativa de oportunidade relacionada diretamente ao emprego, estudo e trabalho, o que geralmente está associado a indivíduos que emigram por razões econômicas ou em busca de melhores oportunidades.

Figura 12 – Motivos e suas Relações da Emigração Brasileira



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Enquanto o cluster “oportunidade” está diretamente relacionado à busca por emprego, estudo e trabalho, o cluster “doutorado” está profundamente relacionado à divergência das políticas brasileiras que não tratam a desigualdade, a dificuldade de formação e a crise. O cluster “oportunidade” se relaciona mais fortemente com o cluster “vida”, que, por sua vez, está diretamente ligado à mobilidade do parceiro(a) no país estrangeiro, à busca por qualidade de vida e à segurança (pessoal, familiar e financeira). Já o cluster “doutorado” está associado a política e governo. Nota-se também uma dispersão de palavras relacionadas à violência,

segurança, criminalidade e desemprego, especialmente no contexto de falta de oportunidades. Menções aos países de acolhimento também aparecem dispersas em outros clusters.

Esses dados sobre a mobilidade internacional dos mestres e doutores brasileiros revelam que, de modo geral, esses indivíduos altamente qualificados compartilham algumas características e dificuldades com os demais emigrantes brasileiros, que, conforme aponta a literatura, também enfrentam preconceitos, dificuldades para encontrar emprego e frequentemente exercem atividades profissionais abaixo de sua qualificação profissional (Assis; Siqueira, 2021; Queiroz; Cabecinhas; Cerqueira; 2020; Brum, 2022). Além disso, pode-se afirmar que, apesar de a literatura frequentemente apontar para a ocorrência de “circulação de cérebros” e “redes de cérebros”, o que muitas vezes ocorre com os membros da diáspora acadêmica brasileira é o “desperdício de cérebros” (*brain waste*, em inglês). Como aponta Reitz (2001), isso ocorre quando há uma degradação de competências, em que um indivíduo trabalha em um emprego que exige um nível de competências inferior ao que adquiriu.

5 Respostas políticas do Estado brasileiro

A questão do impacto da migração internacional sobre o desenvolvimento dos países envolvidos tem recebido cada vez mais atenção (Abreu, 2009; Brum, 2017, 2018a, 2018b, 2022, 2024). Países de origem têm se conscientizado da importante perda de capital humano e social acarretada pela emigração em larga escala de seus cidadãos (González-Rábago, 2015), e a questão da “fuga de cérebros” tem se tornado uma preocupação política para muitos países em desenvolvimento no contexto da competição global por talentos (Fangmeng, 2016). Contudo, os governos desses países também reconhecem a contribuição das diásporas para as sociedades de origem, não apenas por meio das remessas financeiras que enviam (Brum, 2017, 2018a, 2018b, 2022, 2024). Por exemplo, os emigrantes qualificados também enviam as denominadas “remessas técnicas”, que se referem aos fluxos de conhecimento, habilidades e tecnologia derivados da migração (Kshetri; Rojas-Torres; Acevedo, 2015).

Como consequência, um número crescente de Estados tem criado políticas e programas com o objetivo de mobilizar o potencial dos emigrados em contribuir com o desenvolvimento nacional (Abreu, 2009). No que se refere às iniciativas para a diáspora acadêmica, estas podem ser agrupadas em duas abordagens, “fuga de cérebros” ou “ganho de cérebros”, dependendo da interpretação que se tem do fenômeno (Meyer *et al.*, 1997). De acordo com os proponentes da

perspectiva da “fuga de cérebros”, dominante até o início da década de 1990, esse fenômeno beneficiaria os países de destino e impactaria negativamente o desenvolvimento dos países de origem (Brzozowski, 2008; Meyer, 2003), portanto, para esses autores, as respostas políticas deveriam buscar evitar a emigração qualificada (políticas de conservação) e/ou compensar monetariamente o país pela “perda” (tributação) (Meyer *et al.*, 1997)¹. Já os defensores da ideia de “ganho de cérebros” partiam da premissa de que a “fuga de cérebros” nem sempre é prejudicial aos países de origem (Brzozowski, 2008) e que os emigrantes qualificados poderiam ser considerados como um ativo em potencial em vez de uma perda definitiva (Meyer; Brown, 1999). Para esses autores, o país de origem poderia se beneficiar do retorno dos emigrantes ao país (opção pelo retorno) ou da mobilização remota e associação ao seu desenvolvimento (opção pela diáspora) (Meyer, Brown, 1999). A última estratégia mencionada tem ganhado popularidade em países que desejam aumentar sua competitividade global na economia baseada no conhecimento (Ho, 2011).

No Estado brasileiro, atualmente, existem duas frentes de atuação política para a diáspora acadêmica. A mais antiga e duradoura é a inclusão pela CAPES e pelo CNPq de cláusulas no regulamento de suas bolsas no exterior que exigem o retorno do bolsista após a conclusão dos estudos e obrigam a permanência no Brasil por um tempo correspondente ao da duração da bolsa, o chamado “período de interstício”. Caso isso não ocorra, essas agências de fomento instauram processos administrativos e exigem a devolução dos valores subsidiados, acrescidos de juros (Andrade, 2019; Brum, 2024).

Nos últimos anos, houve uma retomada do interesse do Estado brasileiro em estreitar os vínculos com a diáspora acadêmica brasileira (Brum, 2024; Carneiro *et al.*, 2020)². Desde 2017, o MRE mantém o Programa de Diplomacia da Inovação (PDI), com o objetivo de “quebrar estereótipos vinculados à imagem do Brasil no exterior e mostrar país que produz conhecimento, produtos e serviços em setores da fronteira científica...” (MRE, 2022). Entre as suas formas de atuação está a “mobilização da diáspora científica no exterior” (MRE, 2022). Com essa finalidade, os Setores de Ciência e Tecnologia (SECTECs) das embaixadas e consulados têm preparado mapeamentos para identificar e analisar as características da diáspora

¹ Apesar de amplamente discutidas nas décadas de 1970 e 1980, essas políticas praticamente não foram implementadas (Meyer *et al.*, 1997).

² O Estado brasileiro passou a olhar a diáspora acadêmica sob as lentes do “ganho de cérebros” a partir dos anos 2010, durante o governo de Dilma Rousseff. No entanto, essas iniciativas foram descontinuadas após poucos anos de vigência.

científica brasileira, bem como elaboraram, em 2022, um documento apontando boas práticas internacionais de políticas e iniciativas para mobilizá-la (MRE, 2022). Um desses mapeamentos conclui que há interesse entre os membros da diáspora acadêmica “pelo estreitamento de vínculos profissionais dentro da comunidade de CT&I da diáspora e com o Brasil, por meio de ações profissionais focalizados, como mentorias, atuação em laboratórios, aulas em universidades, entre outras” (MRE, 2021b).

Ainda no âmbito do PDI, as repartições consulares brasileiras têm organizado workshops para “facilitar a construção de pontes entre as comunidades científicas brasileiras no exterior e o Brasil” (CNPQ, 2022). Esses eventos têm sido apoiados por uma série de atores governamentais e não governamentais, entre eles: Academia Brasileira de Ciências (ABC); CNPQ; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); Fundação Getúlio Vargas Europa (FGV Europe); Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (CONFAP); São Paulo Innovation and Science Diplomacy School (InnScid SP); e organizações da diáspora brasileira (Brum, 2024).

Por fim, após a análise das políticas brasileiras para sua diáspora acadêmica, fica evidente que essas têm sido contraditórias, pois o Estado brasileiro mantém, em paralelo, iniciativas baseadas em visões de mundo opostas. Enquanto a atuação das agências de financiamento tem sido marcada pela perspectiva pessimista da “fuga de cérebros”, o MRE tem gradualmente adotado uma postura alinhada com a tendência mundial de países de origem de criar políticas para estreitar os vínculos com os nacionais qualificados que residem no exterior (Brum, 2024)³.

6 Considerações finais

Lembrando que o objetivo da pesquisa era o de analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e a mobilidade da diáspora acadêmica brasileira, os principais achados evidenciaram, na amostra, uma feminização da migração, um perfil jovem (na faixa economicamente ativa) e a busca por melhores oportunidades e condições para desempenhar o trabalho científico. Como demonstrado, com

³ Após a redação deste artigo, no início de 2024, o governo federal brasileiro anunciou o Programa de Repatriação de Talentos – Conhecimento Brasil. Além de repatriar pesquisadores, o programa proporcionará que brasileiros com carreira consolidada no exterior colaborem com profissionais de instituições no país, com o objetivo de promover a troca de conhecimentos, fortalecer a ciência nacional e contribuir para sua internacionalização.

frequência, ocorre um fenômeno denominado “circulação de cérebros”, caracterizado por múltiplas incursões no exterior, no entanto também ficou evidente que uma grande parte dos profissionais que emigram com grau de mestre e doutor se engaja em novas formações acadêmicas, principalmente na realização de uma nova graduação. Isso indica uma possível dificuldade para atuar em sua área de formação devido a problemas de validação de diplomas, resultando em um “desperdício de talentos”.

Quanto ao Estado brasileiro, constatou-se que, atualmente, sua postura para lidar com o fenômeno em tela é marcada pela contradição. Por um lado, as agências de fomento científicas – CAPES e CNPq – buscam evitar a emigração qualificada de seus bolsistas. Por outro, o MRE vem estreitando os vínculos com a diáspora acadêmica.

Dessa forma, o presente artigo contribui com a literatura científica ao demonstrar que nem sempre ocorre uma “fuga de cérebros” ou “circulação de cérebros”. Como evidenciado no caso da diáspora acadêmica brasileira, o que muitas vezes se observa é um “desperdício de talentos”. Isso acontece porque, embora esses profissionais altamente qualificados deixem o Brasil, eles nem sempre conseguem uma inserção acadêmica de alto nível no exterior. Apesar disso, como mostrado, as políticas do Estado brasileiro tendem a focar apenas nos problemas e/ou oportunidades associados à “fuga de cérebros” ou “circulação de cérebros”, sem considerar adequadamente o fenômeno do “desperdício de talentos”.

Por fim, é importante destacar que o estudo apresenta limitações quanto à coleta de dados, por se tratar de uma amostra por conveniência, a qual desconsiderou alguns países de abrigo importantes da diáspora acadêmica brasileira, como EUA, Austrália, Canadá e Japão. Estudos futuros devem buscar aprofundar o recorte por meio de uma amostra que inclua um maior número desses países, realizar uma triangulação de fontes, incluindo entrevistas em profundidade, e comparar os dados obtidos com aqueles oferecidos pela CAPES e pelo CNPq.

Referências

ABREU, A. **As migrações internacionais e o desenvolvimento dos países de origem: Impactos e políticas**. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009.

ACKERS, L. Managing relationships in peripatetic careers: Scientific mobility in the European Union. **Women's Studies International Forum**, v. 27, n. 3, p. 189-201, 2004.

ACKERS, L. Moving people and knowledge: Scientific mobility in the European Union. **International migration**, v. 43, n. 5, p. 99-131, 2005.

ANDRADE, L. A. A. **Avaliação da Política de Atração e Fixação de Cientistas no Âmbito do Programa Brasileiro Ciência sem Fronteiras sob uma Perspectiva Comparada com a Política Argentina RAICES**. 2019. 68 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. **Cadernos Pagu**, v. 63, p. 1-22, 2021.

AUDY, J. L. N. *et al.* **Sumário Executivo: PNPG 2011-2020**. Brasília: CAPES, 2021.

BALBACHEVSKY, E.; MARQUES, F. “Fuga de cerebros” en Brasil: los costos públicos del errado entendimiento de una realidad académica. In: AUPETIT, S. D.; GÉRARD, E. (ed.). **Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas: perspectivas latinoamericanas**. México, DF: Cinvestav, 2009.

BALBACHEVSKY, E.; SILVA, E. C. A diáspora científica brasileira: perspectivas para sua articulação em favor da ciência brasileira. **Parcerias Estratégicas**, v. 16, n. 33, p. 163-176, 2012.

BALTAR, F.; ICART, I. B. Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. **Global Networks**, v. 13, n. 2, p. 200-220, 2013.

BARUCH, Y.; ALTMAN, Y.; TUNG, R. L. Career mobility in a global era: Advances in managing expatriation and repatriation. **Academy of Management Annals**, v. 10, n. 1, p. 841-889, 2016.

BENEA-POPUȘOI, E.; ROȘCA, I.; BÎRCĂ, M. International talent flows in the light of educational systems of the world countries. **Center for Studies in European Integration Working Papers Series**, n. 17, p. 49-57, 2021.

BEZERRA, F. M.; SILVEIRA NETO, R. M. Existe ‘Fuga de Cérebros’ no Brasil? Evidências a partir dos censos demográficos de 1991 e 2000. **Economia**, v. 9, n. 3, p. 435-456, 2008.

BRUM, A. G. A história das políticas do Brasil para sua diáspora científica e tecnológica. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 13, n. 2, p. 1-20, 2024.

BRUM, A. G. **As políticas de vinculação da Argentina, do Brasil e do México para suas comunidades no exterior**. 2022. 379 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

BRUM, A. G. As políticas de vinculação do Brasil para os brasileiros e seus descendentes no exterior. **O Social em Questão**, v. 21, p. 65-86, 2018b.

BRUM, A. G. **As políticas de vinculação do Brasil para os brasileiros e seus descendentes no exterior: o caso da comunidade brasileira na Flórida (1995/2016)**. 2017. 224 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017.

BRUM, A. G. **Brasileiros no exterior**: o caso da Flórida. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018a.

BRZOSOWSKI, J. Brain drain or brain gain? The new economics of brain drain reconsidered. **The New Economics of Brain Drain Reconsidered**, 2008. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1288043. Acesso em: 26 out. 2023.

CARNEIRO, A. M. *et al.* Diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação: panorama, iniciativas auto-organizadas e políticas de engajamento. **Ideias**, v. 11, e020010, 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

CASTRO, C. M. *et al.* Cem mil bolsistas no exterior. **Interesse nacional**, v. 4, n. 17, p. 25-36, 2012.

CHAHAD, J. P. Z. Mercado de trabalho: conceitos, definições, funcionamento e principais estatísticas para o Brasil. In: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JÚNIOR, R. (org.). **Manual de Economia**. 7. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017.

CIUMASU, I. M. Turning brain drain into brain networking. **Science and public policy**, v. 37, n. 2, p. 135-146, 2010.

CNPQ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2022.

Oportunidades Externas: Encontro da Diáspora Científica Brasileira na Europa Central. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/oportunidades-externas/oportunidades-externas-encontro-da-diaspora-cientifica-brasileira-na-europa-central>. Acesso em: 23 ago. 2023.

COHEN, N. From nation to profession: Israeli state strategy toward highly-skilled return migration, 1949–2012. **Journal of Historical Geography**, v. 42, p. 1-11, 2013.

COHEN, R. Diasporas: changing meanings and limits of the concept. In: RETIS, J.; TSAGAROUSIANOU, R. (ed.). **The Handbook of Diasporas, Media, and Culture**. Medford: John Wiley & Sons, 2019.

COHEN, R. **Global Diasporas**: An Introduction. Nova Iorque e Abingdon: Routledge, 2008.

COSTA, A. P.; RUVIARO, R. Estereótipos e migração: a mulher brasileira em Portugal. In: COUTINHO, F. P.; OLIVEIRA, E.; CARAPÊTO, M. J. (org.). **Atas da Conferência: Igualdade de Género e Mobilidade**. Lisboa: Cedis, 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CRUZ, E. P. *et al.* Brasileiros na Alemanha: motivações, perfil dos imigrantes e questões para debate. **População e Sociedade**, v. 38, p. 118-141, 2022.

CRUZ, E. P.; FALCÃO, R. P. Q.; BARRETO, C. R. Estudo exploratório do empreendedorismo imigrante brasileiro em Pompano Beach e Orlando-EUA. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 18, p. 37-54, 2017.

ENNERBERG, E.; ECONOMOU, C. Career adaptability among migrant teachers re-entering the labour market: A life course perspective. **Vocations and Learning**, v. 15, n. 2, p. 341-357, 2022.

FALCÃO, R. P. Q. *et al.* **Relatório de Pesquisa: Perfil dos brasileiros nos Países Nórdicos**. Niterói: Departamento de Empreendedorismo e Gestão, 2022. Disponível em: https://mpeinternacional.uff.br/wp-content/uploads/sites/53/2023/03/Relatorio-Brasileiros-nos-Paises-Nordicos_FINAL.pdf. Acesso em: 1º nov. 2023.

FANGMENG, T. Brain circulation, diaspora and scientific progress: A study of the international migration of Chinese scientists, 1998–2006. **Asian and Pacific migration journal**, v. 25, n. 3, p. 296-319, 2016.

FARAHANI, F.; THAPAR-BJÖRKERT, S. The racialised knowledge economy. *In*: KHADKA, S.; DAVIS-MCELLIGATT, J.; DORWICK, K. **Narratives of Marginalized Identities in Higher Education**. Nova Iorque e Abingdon: Routledge, 2019.

FERREIRA, L. R.; CHAVES, V. L. J. A pós-graduação no Brasil: a expansão de doutores no novo Plano Nacional de Educação. **Eccos – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 45, p. 291-312, 2018.

GONZÁLEZ-RÁBAGO, Y. Engagement Policies in Favour of Transnationalism: the expansion of transnational citizenship within Colombian emigrants. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, p. 291-310, 2015.

GOZA, F. Brazilian Immigration to North America. **International Migration Review**, v. 28, n. 1, p. 136-152, 1994.

HAIR, J. F. *et al.* **Multivariate data analysis**. New Jersey: Pearson Prentice Hall Upper Saddle River, 2006.

HO, E. L. ‘Claiming’ the diaspora: Elite mobility, sending state strategies and spatialities of citizenship. **Progress in Human Mobility**, v. 35, n. 6, p. 757-772, 2011.

JÖNS, H. Transnational mobility and the spaces of knowledge production: a comparison of global patterns, motivations and collaborations in different academic fields. **Social geography**, v. 2, n. 2, p. 97-114, 2007.

KSHETRI, N.; ROJAS-TORRES, D.; ACEVEDO, M. C. Diaspora networks, non-economic remittances and entrepreneurship development: Evidence from some economies in Latin America. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 20, n. 1, 1550005, 2015.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. Chaves para o terceiro milênio na era do conhecimento. *In* LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. (org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LASTRES, H. M. M.; FERRAZ, J. C. Economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. *In*: LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. (org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEWIN, R. **The handbook of practice and research in study abroad: Higher education and the quest for global citizenship**. Nova Iorque e Abingdon: Routledge, 2009.

LO BIANCO, A. C. *et al.* A internacionalização dos programas de pós-graduação em psicologia: perfil e metas de qualificação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, p. 1-10, 2010.

LOMBAS, M. L. S. A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros. **Sociologias**, v. 19, p. 308-333, 2017.

LOMBAS, M. L. S. **A mobilidade internacional de pós-graduandos e pesquisadores e a internacionalização da produção do conhecimento**: efeitos de uma política pública no Brasil. 204 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Brasília, DF, 2013.

MARCHELLI, P. S. Formação de doutores no Brasil e no mundo: algumas comparações. **RBPG – Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 3, p. 7-29, 2005.

MARINHO-ARAUJO, C.; ALMEIDA, L. S. Mudanças e perspectivas na educação superior: estudos no Brasil e em Portugal. **Educação: Teoria e Prática**, v. 30, n. 63, 2020.

MEDEIROS, N. S.; FIORILLO, C. A. P. A saúde dos nômades digitais e a questão da soberania. **Revista direitos, trabalho e política social**, v. 8, n. 15, p. 214-239, 2022.

MEYER, J. B. Policy implications of the brain drain's changing face. **Policy Briefs**, Science and Development Network, 2003.

MEYER, J. B.; BROWN, M. Scientific diasporas: A new approach to the brain drain. **Management of Social Transformations**, n. 41, 1999.

MEYER, J. B. *et al.* Turning brain drain into brain gain: the Colombian experience of the diaspora option. **Science, technology and Society**, v. 2, n. 2, p. 285-315, 1997.

MRE, Ministério das Relações Exteriores. **Comunidade brasileira no exterior**: estimativas referentes ao ano de 2020. Ministério das Relações Exteriores, 2021a.

MRE. **Panorama Internacional de Políticas de Mobilização de Diásporas Científicas, Tecnológicas e em Inovação**. Brasília: MRE, 2022.

OCDE. **Education at a Glance 2014**: OECD indicators. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/Education-at-a-Glance-2014.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

OIM. **Glossary on Migration**. Genebra: OIM, 2019.

PEDRAZA-NÁJAR, X. L.; RODRIGUEZ-ROJAS, Y. L.; JUÁREZ, J. P. Medición de la gestión de la calidad universitaria: revisión bibliográfica. **SIGNOS - Investigación en sistemas de gestión**, v. 9, n. 1, p. 19-30, 2017.

PROCTOR, D.; RUMBLEY, L. E. (ed.). **The future agenda for internationalization in higher education**: Next generation insights into research, policy, and practice. Nova Iorque e Abingdon: Routledge, 2018.

QUEIROZ, C. C.; CABECINHAS, R.; CERQUEIRA, C. Migração feminina brasileira e a experiência do envelhecimento em Portugal: sexismo e outros “ismos”. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-23, 2020.

RAMOS, C. A. **Introdução à economia da educação**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

RAMOS, M. Y.; VELHO, L. Formação de doutores no Brasil: o esgotamento do modelo vigente frente aos desafios colocados pela emergência do sistema global de ciência.

Avaliação, v. 18, n. 1, p. 219-246, 2013.

RAMOS, M. Y.; VELHO, L. Formação de doutores no Brasil e no exterior: impactos na propensão de migrar. **Educ. Soc.**, v. 32, n. 117, p. 933-951, 2011.

REITZ, J. G. Immigrant skill utilization in the Canadian labour market: Implications of human capital research. **Journal of International Migration and Integration**, v. 2, n. 3, p. 347-378, 2001.

RIGGS, F. W. **Diasporas and ethnic nations**: causes and consequences of globalization. Disponível em: <http://www2.hawaii.edu/~fredr/diaglo.htm#definition>. Acesso em: 20 out. 2020.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

SANTIAGO, C.; MACHADO, M. M. Implicações da globalização no âmbito do saber e das práticas de gestão: algumas reflexões. **REGIT – Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, v. 2, n. 4, p. 13-33, 2015.

SANTOS, A. N. (coord.). **Fuga de cérebros, circulação internacional da ciência e diáspora científica de pesquisadores brasileiros**: contribuições para o debate. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude/Associação Nacional dos Pós-Graduandos, 2021.

SHUVAL, J. T. Diaspora migration: Definitional ambiguities and a theoretical paradigm. **International migration**, v. 38, n. 5, p. 41-56, 2000.

SILVA, J. A.; BAFFA FILHO, O. A centralização do saber. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 10, p. 8-11, 2000.

SILVA, V. D. M. *et al.* Fuga Cérebros no Brasil Pandêmico: A Crise Sanitária e na Educação. In: ESLABÃO, D. R. (ed.). **Manejo Pós-Covid-19: aspectos biológicos, funcionais e sociais**. Editora Científica Digital, 2023.

SILVEIRA, E. **Fuga de cérebros**: os doutores que preferiram deixar o Brasil para continuar pesquisas em outro país. BBC News Brasil. 18.01.2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51110626>. Acesso em: 26 out. 2023.

SOLIMANO, A. Mobilizing talent for global development. **UNU-WIDER Policy Brief**, n. 7, 2006.

SOUSA, V. M. F. O. Qual o significado de “Diáspora” em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, lusofonia e “portugalidade”. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 4. 2014, Minho [Anais]... Minho: Universidade do Minho, 2014.

UNESCO - Institute for Statistics. **Global Education Digest 2006**: comparing education statistics across the world. Disponível em:
https://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/global-education-digest-2006-comparing-education-statistics-across-the-world-en_0.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

UNESCO - Institute for Statistics. **Global Education Digest 2009**: comparing education statistics across the world. Disponível em:
https://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/global-education-digest-2009-comparing-education-statistics-across-the-world-en_0.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

VELHO, L. Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 607-631, 2001.

Enviado em: 06/11/2023

Revisado em: 17/09/2024

Aprovado em: 23/09/2024